

EXPERIÊNCIA DE ENFERMEIROS DE BARRA DO GARÇAS - MT NO ENFRENTAMENTO DO NOVO CORONAVÍRUS

Pollyana Ambrósio Pereira da Silva ¹

Marcos Vítor Naves Carrijo ²

Mauro Afonso da Silva Borges ³

Letícia Pinho Gomes ⁴

RESUMO: Este trabalho objetiva avaliar a experiência de enfermeiros no enfrentamento da COVID-19 em Barra do Garças – MT. Os dados foram coletados em uma unidade de referência para a COVID-19 em julho/2022 através de um questionário semiestruturado. Participaram 18 enfermeiros, sendo a maioria mulheres, que atuam em diferentes setores da unidade de saúde. A maioria adquiriu COVID-19 com reinfeção durante o período de atuação na pandemia. Foram apontadas diversas mudanças na rotina laboral referente aos atendimentos, assistência, jornada de trabalho, recursos físicos e humanos, materiais e insumos, interação social e familiar. Ansiedade, estresse e medo foram as principais queixas decorrentes do trabalho durante a pandemia. A maioria não recebeu suporte psicológico e nem treinamento para atuar no enfrentamento da COVID-19. Este trabalho demonstrou que a pandemia impactou negativamente nas condições de trabalho, comprometendo a qualidade de vida e a saúde dos profissionais, o que reflete na assistência ofertada à população.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; profissionais; saúde; enfermagem; pandemia.

ABSTRACT: This objective work evaluates the experience of nurses in coping with COVID-19 in Barra do Garças - MT. Data were collected in a reference unit for COVID-19 in July/2022 through a semi-structured questionnaire. Eighteen nurses participated, most of them women, who work in different sectors of the health unit. Most acquired COVID-19 with reinfection during the period of action in the pandemic. Several changes were pointed out in the work routine regarding assistance, assistance, working hours, physical and human resources, materials and inputs, social and family interaction. Anxiety, stress and fear were the main complaints arising from work during a pandemic. Most did not receive psychological support or training to act in the face of COVID-19. This work demonstrated that the pandemic impacted working conditions, compromising the quality of life and health of professionals, which is reflected in the assistance offered to the population.

KEY WORDS: COVID-19; professionals; health; nursing; pandemic

1. INTRODUÇÃO

Em 2019 o primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) foi notificado em Wuhan - China e até março de 2020 outros casos foram confirmados em todos

os continentes. No Brasil, o primeiro caso de COVID-19, nome dado à patologia causada por tal infecção, foi descoberto em 25 de fevereiro de 2020 (WU et al., 2020) e de acordo com o Ministério da Saúde, até o mês de maio de 2022, foram registrados um total de 31.019.038 casos

¹ Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR, Barra do Garças/MT-Brasil. Contato: e-mail: ambrosiopollyana@gmail.com.

² Docente no Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR, Barra do Garças / MT – Brasil. Mestre em Enfermagem (UFMT), Especialista em Saúde do Adulto e do Idoso (UFMT), Graduado em Enfermagem (UFMT). Contato: marcosvenf@gmail.com.

³ Docente no Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR, Barra do Garças / MT – Brasil. Mestre em Imunologia e Parasitologia (UFMT), Especialista em em Docência no Ensino Superior (UNIVAR), Graduado em Biologia (UFMT). Contato: mauroafonsoborges@gmail.com.

⁴ Docente no Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR, Barra do Garças / MT – Brasil. Mestre em Imunologia e Parasitologia (UFMT), Especialista em Docência no Ensino Superior (UNIVAR), Graduada em Enfermagem (UFMT). Contato: leticiapgmt@hotmail.com.

confirmados, 30.011.391 recuperados e 666.676 óbitos (BRASIL, 2022).

Esta pandemia trouxe grandes desafios para o serviço de saúde a nível mundial em decorrência do elevado número de infecção e da necessidade em grande escala de recursos humanos e financeiros para atender às demandas do sistema de saúde (MIRANDA et al., 2020).

Assim como ocorreu em diversos países, o Brasil apresentou problemas relacionados à subnotificação da doença, em decorrência da falta de testes e da demora nas análises e resultados dos mesmos, o que contribuiu para a rápida velocidade do contágio, uma vez que o afastamento das atividades laborais carecia de comprovação do diagnóstico para definir o isolamento social. Esta situação ocorreu principalmente devido a China ser a principal provedora de insumos e equipamentos no mundo e como o país já se encontrava em quarentena, houve atraso no fornecimento de insumos (RAMOS et al., 2021).

Somado a isso, a pandemia representou um grande obstáculo no que se refere à garantia de segurança e proteção aos profissionais da saúde em meio à tantas incertezas, falta de protocolos e conseqüentemente dificuldade no controle da sua transmissibilidade, posto que muitos trabalhadores notificaram a deficiência de equipamentos de proteção individual (EPI) e também do preparo profissional para a adequada paramentação (ADALJA; TONER; INGLESBY, 2020).

Além disso, a sobrecarga de trabalho decorrente da superlotação dos ambientes hospitalares e da necessidade constante de um cuidado mais intensivo provocou desgaste entre os profissionais de enfermagem, tanto físico quanto mental, tendo em vista que esta profissão não se resume à execução de procedimentos, mas requer conhecimento técnico-científico, além de envolver aspectos emocionais relacionadas ao medo de ser infectado e às mortes de pacientes e de colegas de trabalho (MIRANDA et al., 2020).

Neste sentido, a pandemia refletiu um impacto negativo na saúde dos profissionais da saúde, sobretudo em relação aos profissionais de enfermagem que participam ativamente do cuidado aos pacientes e são quem mantêm um contato mais prolongado no processo assistencial. Com o aumento no número de casos houve um acréscimo na jornada de trabalho em decorrência do aumento da demanda por assistência à saúde, que foi prestada em meio a más condições de trabalho. Alguns profissionais denunciaram condições insalubres e precárias no ambiente de trabalho, e somado à todas estas condições, muitos profissionais distanciaram de suas famílias para evitar a transmissão da doença. Tais situações comprometeram o estado emocional dos profissionais, que passaram a apresentar uma mistura de angústia, solidão e frustração (BITENCOURT; ANDRADE, 2021).

A utilização de novas tecnologias e equipamentos, assim como a necessidade de força de trabalho qualificada para atuar em

situações complexas em um cenário totalmente atípico contribuiu para o desenvolvimento de medo, pânico, estresse, ansiedade, aflição, ideias suicidas, entre outros, na rotina laboral da equipe de enfermagem. Como agravante, algumas instâncias governamentais, ao determinarem estado de calamidade pública, tomaram medidas que comprometeram o dimensionamento de enfermagem, culminando em redução drástica do tempo e aumento abusivo da jornada de trabalho (SOUZA et al., 2021).

Tais situações tornaram os profissionais de enfermagem mais vulneráveis ao adoecimento psíquico, que pode comprometer a saúde física e mental da força de trabalho que mais deveria estar saudável para realizar as ações do cuidar no contexto que tanto carece de suas práticas laborais.

Neste sentido, este trabalho objetiva avaliar a experiência vivenciada por profissionais de enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em Barra do Garças – MT, no intuito de identificar o número de profissionais infectados pelo novo coronavírus, conhecer o impacto da pandemia nas condições de trabalho, verificar a disponibilidade de insumos e de equipamentos de proteção individual e coletiva, analisar aspectos emocionais dos trabalhadores da linha de frente e identificar as medidas adotadas no contexto da pandemia para garantir a assistência à saúde.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo transversal, descritivo, retrospectivo, com abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa foi realizada com profissionais de enfermagem que atuavam na linha de frente em uma unidade de saúde de referência para COVID-19 no município de Barra do Garças – MT no mês de julho de 2022.

Para a realização do estudo foi feito uma solicitação via ofício para o gestor da Secretaria Municipal de Saúde. Mediante a autorização a coleta de dados foi realizada por meio de um instrumento de coleta de dados semiestruturado, com perguntas objetivas e subjetivas. Os critérios de inclusão estiveram condicionados à aceitação em participar e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e estar presente no ambiente de trabalho no momento da aplicação do questionário.

Vale ressaltar que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) com riscos mínimos conforme Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016, deste modo autorizando a participação na pesquisa e divulgação de dados. Os dados foram analisados e posteriormente apresentados em forma de gráficos e tabelas, elaborados no programa *Microsoft Word* e *Microsoft Excel*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 18 enfermeiros que atuam em uma unidade de referência para

COVID-19 no município de Barra do Garças - MT, dos quais 83% eram do sexo feminino e 17% masculino, com idade entre 26 e 60 anos.

O período de atuação do público envolvido nesta pesquisa é bem diversificado, contemplando profissionais que iniciaram o trabalho no referido estabelecimento de saúde há menos de um ano e também servidores que atuam na unidade desde sua inauguração, a qual ocorreu em dezembro de 2017. Analisando de forma mais detalhada nota-se que 16,67% possuem menos de 01 ano de atuação, 44,44% de 01 a 02 anos, 16,67% de 03 a 04 anos, 22,22% mais de 04 anos.

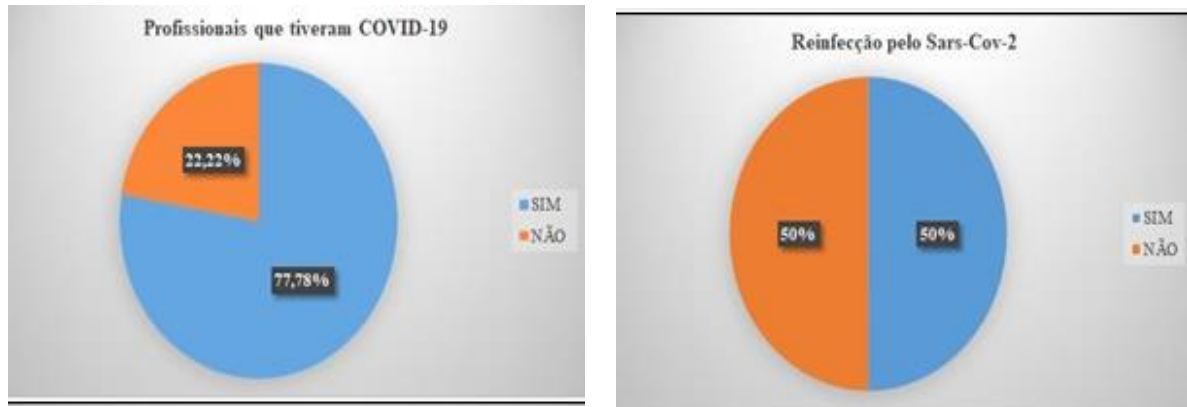
Em relação ao local de atuação dentro da unidade de saúde em estudo, 27,78% são da sala de medicação, 16,67% da semi-intensiva, 16,67% do setor de observação, 16,6% da classificação de risco, 11,11% da vigilância epidemiológica, um profissional (5,56%) trabalha como responsável técnico e um enfermeiro (5,56%) que faz rodízio em todos os setores. No que se refere à jornada laboral 88,89% trabalham no regime de 12/36 horas e 11,11% atuam com carga horária de seis horas por dia.

Resultado similar foi observado no trabalho de CONZ et al. (2021), realizado em um hospital de campanha para atendimento de

pacientes com COVID-19, onde trabalhavam 20 enfermeiros, 15 do sexo feminino e 05 do sexo masculino. A idade dos trabalhadores analisados variou de 25 e 59 anos e o tempo de atuação profissional de 2 meses a 11 anos com carga horária de 12/36 horas. Nota-se que é prevalente o número de mulheres nesta área e que os profissionais também apresentam diferentes idades e tempo de trabalho. Segundo os autores, os funcionários com pouco tempo de formação têm atuado no atendimento de pacientes infectados pela COVID-19 com bastante insegurança, porém, os mesmos relataram entusiasmo por ser o primeiro emprego.

A Figura 01 apresenta dados referente à infecção pelo novo coronavírus durante o período de atuação na unidade de referência analisada entre os enfermeiros estudados. Nota-se que 77,78% dos participantes tiveram COVID-19, e destes, 50% apresentaram reinfecção pelo vírus Sars-Cov-2. O Conselho Federal de Enfermagem registrou até o mês de agosto de 2022, no Brasil, um total de 340 profissionais desta classe confirmados com a infecção pelo vírus da COVID-19, dos quais 87,06% correspondem ao sexo feminino e 12,94% ao sexo masculino, prevalecendo um público com faixa etária de 31 a 40 anos (COFEN, 2022).

Figura 01. Enfermeiros infectados pelo novocoronavírus em uma unidade de referência para a COVID-19 no município de Barra do Garças - MT. A) Profissionais que tiveram COVID-19. B) Profissionais que apresentaram reinfecção. Fonte: GOMES; SILVA (2022)

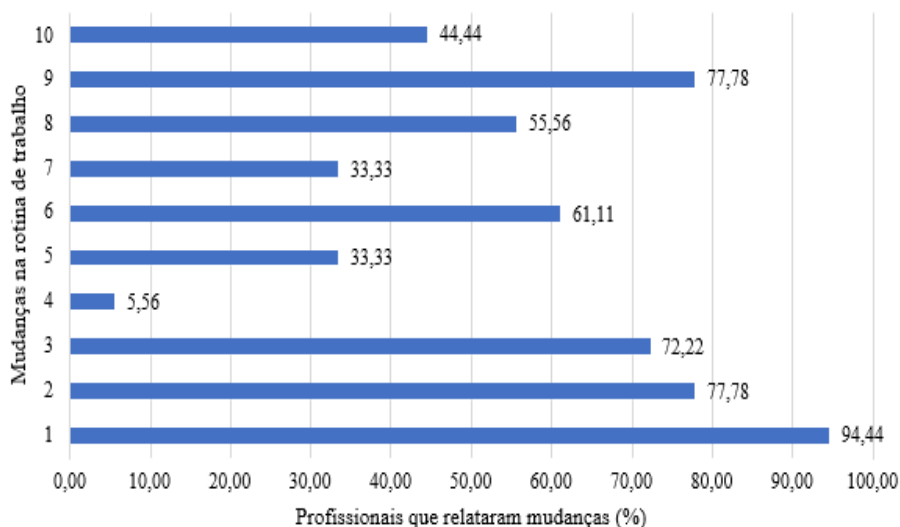


Em relação à re-infecção, Silva (2021) explica que 02 semanas após a infecção o ser humano apresenta uma determinada titulação de anticorpos contra a COVID-19 e que, com o passar do tempo, o organismo passa a apresentar uma redução destas imunoglobulinas e com isso

o profissional torna-se mais suscetível ao risco de reinfecção.

Os enfermeiros relataram que a pandemia impactou em algumas mudanças na rotina de trabalho, as quais estão demonstrados na Figura 02.

Figura 02. Impacto da pandemia nas condições de trabalho dos enfermeiros em uma unidade de referência para COVID-19 em Barra do Garças - MT. 1. Aumento da quantidade de pacientes; 2. Pressão psicológica; 3. Sobrecarga de trabalho; 4. Alteração dos direitos trabalhistas; 5. Inovações tecnológicas (novos equipamentos); 6. Comprometimento das necessidades humanas básicas; 7. Aumento da jornada de trabalho; 8. Novas práticas/conduitas assistenciais; 9. Mais afastamento de profissionais; 10. Alteração dos fluxos de trabalho. Fonte: GOMES; SILVA (2022)



Nota-se que as principais modificações ocorridas, segundo os profissionais, foram aumento da quantidade de pacientes (94,44%); pressão psicológica (77,78%), mais afastamento de profissionais (77,78%), sobrecarga de trabalho (72,22%), comprometimento das necessidades humanas básicas (61,11%), novas práticas/conduas assistenciais (55,56%). Um número menor de enfermeiros também apontaram alteração dos fluxos de trabalho (44,44%), inovações tecnológicas e/ou novos equipamentos (33,33%), aumento da jornada de trabalho (33,33%) e alteração dos direitos trabalhistas (5,56%).

No que se refere aos aspectos emocionais enfrentados pelos profissionais durante a pandemia, os surtos de doenças infecciosas são responsáveis por desencadear sentimentos de angústia e ansiedade, além de traumas aos profissionais de saúde em decorrência das jornadas de trabalho exaustivas e da carência de equipamentos de proteção. Além de trabalharem em condições inseguras, esses profissionais também se angustiam com a incerteza do tratamento clínico e a imprecisão das informações no percurso da pandemia, bem como apresentam preocupação com os impactos a curto e longo prazo. Tais condições refletem aos profissionais uma gama de conflitos

psicológicos resultantes do medo da morte, do isolamento e dodesamparo (PORTUGAL et al., 2020).

Os participantes foram indagados sobre alguns fatores que podem comprometer a segurança e a qualidade da assistência à saúde durante a pandemia. As respostas estão explícitas na Tabela 01, na qual nota-se que 44,44% relataram falta de insumos e medicamentos, 38,89% queixaram-se de falta de equipamentos de proteção individual, 16,67% afirmaram ter dificuldade com a paramentação necessária para atender às medidas de prevenção contra a COVID-19 e 44,44% dos enfermeiros confirmaram o recebimento de treinamento/capacitação para atuar no enfrentamento da COVID-19. Tais condições, além de prejudicar o tratamento clínico, colocam os profissionais mais expostos ao risco de adoecer, impactando negativamente a evolução do quadro de saúde dos pacientes e o trabalho da enfermagem.

A pandemia mostrou que o Brasil é muito dependente de materiais, insumos e medicamentos provenientes do mercado estrangeiro e, como consequência, o país apresentou maior vulnerabilidade à falta de suprimentos para a indústria farmacêutica (RODRIGUES;FREITAS, 2022).

Tabela 01. Fatores que comprometem a assistência à saúde de forma segura e com qualidade durante a pandemia em uma unidade de referência para COVID-19 em Barra do Garças - MT.

Houve falta de insumos e medicamentos?	n	%
Sim	8	44,44
Não	10	55,56
Total	18	100

Houve falta de equipamentos de proteção individual?	n	%
Sim	7	38,89
Não	11	61,11
Total	18	100

Teve dificuldade com a paramentação?	n	%
Sim	3	16,67
Não	15	83,33
Total	18	100

Recebeu treinamento ou capacitação para atuar no enfrentamento da COVID-19?	n	%
Sim	08	44,44
Não	10	55,56
Total	18	100

Fonte: GOMES; SILVA (2022)

Na assistência aos pacientes com COVID-19 existe a necessidade de atender às precauções específicas, e para tanto, é fundamental o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) pelos profissionais de saúde, os quais devem ser fornecidos gratuitamente pelas instituições empregadoras. Neste cenário, os órgãos fiscalizadores do conselho de enfermagem realizaram vistorias nas unidades de saúde após terem recebidos inúmeras reclamações sobre a disponibilização de EPI, havendo relato da falta de fornecimento dos mesmos e inclusive de reutilização de aventais de uso descartável e, em alguns casos, estes foram substituídos por “capas de chuva”. Além

destas condições, os profissionais de saúde também colocam como agravantes dos índices de infecção entre trabalhadores o descuido durante a retirada dos EPIs, o que demonstrou a necessidade de treinamentos sobre paramentação e desparamentação (VEDOVATO et al., 2020).

É responsabilidade dos gestores a oferta de ações educativas no ambiente de saúde relacionadas aos riscos de transmissão pelo novo coronavírus, emissão de documentos instrutivos referente às diretrizes de controle de infecção e uso adequado de EPIs, além de divulgação de materiais de apoio como protocolos, manuais, guias, notas técnicas

(MARINHO,2021).

Iqbal; Chaudhuri (2020) realizaram um estudo com profissionais da saúde que atuavam na linha de frente da COVID-19 do Serviço Nacional de Saúde (NHS) do Reino Unido, onde detectaram treinamento insuficiente para os trabalhadores. Outro resultado parecido foi identificado em uma pesquisa realizada por Lima (2020), a qual mostrou que quase metade dos profissionais relataram não ter recebido nenhum tipo de treinamento durante o período de atuação na pandemia. O autor enfatiza a importância do conhecimento e do preparo dos profissionais na gestão do risco de contágio, de forma a manter a equipe segura e tranquila.

Em relação aos impactos da pandemia da COVID-19 na sua qualidade de vida e na saúde dos profissionais avaliados, pode-se observar na Tabela 02 que a maioria dos enfermeiros (61,11%) precisaram manter distanciamento da família para evitar transmissão da doença. Isso

reflete em comprometimento psicológico para os trabalhadores, que além de acompanharem o sofrimento dos pacientes e familiares, precisavam trabalhar diante dos medos e incertezas, e como agravante sem o apoio de um ente querido.

Além disso, foram indagados sobre o suporte profissional ofertado no ambiente de trabalho e, a maioria relatou ter recebido apoio psicológico ou similar durante a pandemia.

Mais uma vez, nota-se que o município investiu no apoio profissional, porém, muitos não receberam tais treinamento/capacitação, o que também pode se justificar pelo fato de alguns profissionais apresentar pouco tempo de trabalho na unidade em estudo, tendo em vista que, apesar da educação permanente ser necessária no ambiente de trabalho, a maioria das ações podem ter sido realizadas no período de maior criticidade da pandemia.

Tabela 02. Impactos da pandemia na qualidade de vida e na saúde dos enfermeiros que atuam na linha de frente de uma unidade de referência para a COVID-19 em Barra do Garças - MT.

Precisou se distanciar da família para evitar transmissão?	n	%
Sim	11	61,11
Não	07	38,89
Total	18	100

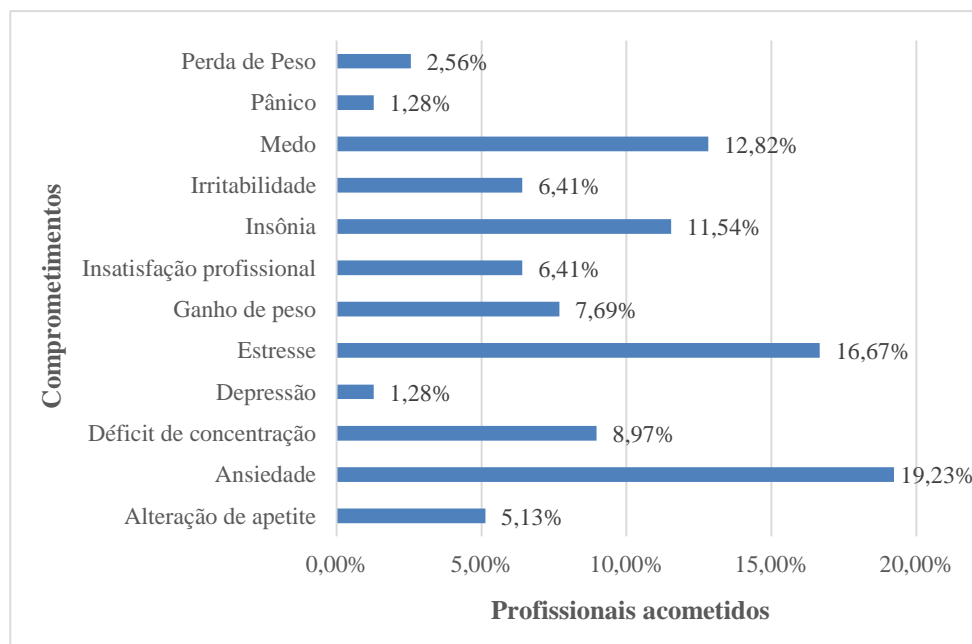
Recebeu suporte psicológico ou similar durante a pandemia?	n	%
Sim	05	27,78
Não	13	72,22
Total	18	100

Fonte: GOMES; SILVA (2022)

Silva et al. (2022) enfatizam que profissionais em sofrimento psíquico não tem condições de prestar assistência à saúde de forma adequada e que, se não houver uma intervenção efetiva, as consequências causadas pela pandemia podem resultar em prejuízos maiores a longo prazo. Neste sentido, Albuquerque; Alves (2022) destacam a necessidade de implementação de medidas de apoio psicossocial e de cuidados direcionados para a saúde mental dos profissionais da saúde que atuaram na linha de frente da COVID-19.

Ao serem questionados sobre as consequências da pandemia para o profissional, os enfermeiros relataram principalmente ansiedade (19,23%), estresse (16,67%), medo (12,82%) e insônia (11,54%). Outros comprometimentos também foram apontados: déficit de concentração (8,97%), ganho de peso (7,69%), insatisfação profissional (6,41%), irritabilidade (6,41%), alteração de apetite (5,13%), perda de peso (2,56%), depressão (1,28%) e pânico (1,28%). Estes dados estão descritos na Figura 02.

Figura 02. Consequências da pandemia nos aspectos emocionais dos profissionais de enfermagem.



Fonte: GOMES; SILVA (2022)

Antes mesmo da pandemia a enfermagem já enfrentava problemas relativos à falta de insumos e de recursos humanos, longas jornadas de trabalho, má-remuneração, ausência de autonomia e de reconhecimento profissional.

No cenário atual, as condições de trabalho tornaram-se ainda mais desgastantes, comprometendo tanto do ponto de vista físico quanto psíquico a saúde mental dos trabalhadores, que passaram a viver em

condições contínuas de estresse e houve aumento na apresentação de ansiedade, depressão e Síndrome de Burnout. Essa exaustão psicológica reflete no atendimento aos pacientes, na relação interpessoal entre a equipe e no convívio familiar e social (BARROS, 2020; PEREIRA; SOUZA; MORAES, 2021). Segundo Portugal et al. (2020), a sobrecarga emocional vivida pelas equipes de saúde coloca a necessidade da oferta de medidas de proteção adequadas a esses profissionais, no intuito de amenizar a ansiedade decorrente do medo da contaminação, porém, isso não é suficiente, pois tal situação requer ainda a implementação de estratégias de apoio psicológico para reduzir os impactos psíquicos causados por um momento tão crítico na história da saúde (PORTUGAL et al., 2020).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho descreveu a experiência de enfermeiros que atuaram na linha de frente da pandemia em uma unidade de referência para atendimento a pacientes com síndrome respiratória e COVID-19.

Observou-se que a maioria dos profissionais adquiriu COVID-19 com reinfecção durante o período de atuação na pandemia. Foram apontadas diversas mudanças na rotina laboral neste período referente aos atendimentos, assistência, jornada de trabalho, recursos físicos e humanos, materiais e insumos, interação social e familiar. Ansiedade, estresse e

medo foram as principais queixas decorrentes do trabalho durante a pandemia. A maioria não recebeu suporte psicológico e nem treinamento para atuar no enfrentamento da COVID-19.

Esta pesquisa demonstrou que a pandemia impactou negativamente nas condições de trabalho, comprometendo a qualidade de vida e a saúde dos profissionais, o que pode refletir na assistência ofertada à população, bem como no convívio familiar e social dos enfermeiros, enfatizando assim a necessidade da valorização desta classe profissional, tendo em vista a sua importância no âmbito da saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADALJA, A.A; TONER, E; INGLESBY, T.V. Prioridades para a comunidade de saúde dos EUA em resposta ao COVID-19. **Jama**, v. 1, n.1 ed. 14, p. 1343–1344, 2020.

BITENCOURT, S.M; ANDRADE, C.B. Trabalhadoras da saúde face à pandemia: por uma análise sociológica do trabalho de cuidado. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1013-1022, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **CORONAVÍRUS BRASIL**. Brasília, 2022.

MIRANDA, F.M.A *et al.* Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a COVID-19. **Cogitare enfermagem**, v. 25, n. 1, p. 1, 2020.

RAMOS, A.R et al. COVID-19: repercussões para enfermagem, estruturação e resolutividade de sistemas nacionais de saúde. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 42, n. 1, p. 1, 2021.

SOUZA, N. V. D. O, et al. Trabalho de enfermagem na pandemia da COVID-19 e repercussões para a saúde mental dos trabalhadores. **Rev Gaúcha Enferm.** V. 42, n.1, p. 1,2020.

WU, F, et al. A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. **Nature**,v. 579, n. 1, p. 265-269, 3 fev. 2020.

Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Observatório da Enfermagem. Profissionais infectados com Covid-19 informados pelos enfermeiros responsáveis Técnicos/coordenadores.2020.

SILVA, W.M *et al.* Reinfecção por COVID-19: Uma revisão das novas evidências. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e51910112016-e51910112016, 2021.

CONZ, C.A, *et al.* Atuação de enfermeiros em hospital de campanha voltada a pacientes com Covid-19. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 1, n. 1, p. 1, 2021.

VEDOVATO, T.G, et al. Trabalhadores(as) da saúde e a COVID-19: condições de trabalho à deriva. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, n.1, ed. 1, p. 1, 2020.
RODRIGUES, L.A; FREITAS, R.M.C.C. Gerenciamento de medicamentos frente à pandemia COVID-19: um desafio para a

farmácia hospitalar. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 6, p. 44255-44269, 2022.

PORTUGAL, J.K.A et al. Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante da pandemia de COVID-19: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde** , [s. l.],v. 46, n.1, p. 1, 2020.

MARINHO, M.R. **Trabalho, gestão e capacitação na pandemia da covid-19: percepção de profissionais da atenção primária à saúde.** Fundação Universidade Federal de Mato Grossodo Sul (UFMS) Campus Três Lagoas, v. 1, n. 1, p. 1, 2021.

IQBAL, M.R.; CHAUDHURI, A. COVID-19: Results of a national survey of United Kingdom healthcare professionals' perceptions of current management strategy - A crosssectional questionnaire study. **Int J Surg.**, v. 79, n. 1, p.156-161, 2020.

LIMA, J.G. et al. Desafios da Atenção Básica no enfrentamento da pandemia da COVID19 no SUS. Rio de Janeiro: Abrasco, 2020.

BARROS, A. B. et al. Impacts of the covid-19 pandemic on the mental health of nursing professionals. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 10, p. 81175– 81184, 2020.